

OS SENTIDOS DE IMPUN(IDADE): GESTOS DE LEITURA TECIDOS NA REVISTA IMPRESSA, NA LITERATURA E NA MÚSICA.

Fernanda A. Chuffi¹

INTRODUÇÃO

“A gente pensa em uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende ainda uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita. (Quintana Mário)

Tomando o poema de Quintana como mote, acrescentamos que todo *discurso é efeito de sentido entre interlocutores, portanto não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia* (Pêcheux, 1969), dessa maneira *“As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”* (Orlandi 2005: 43). Assim, interpretaremos trechos do Livro **Capitães da Areia**, de Jorge Amado, da música **“O meu guri”** de Chico Buarque e da Capa da Revista Veja **“Os órfãos da impunidade”** analisando o movimento discursivo que se reflete nas palavras “menor”, “órfão” e “impun(idade)”.

Lembrando que Pêcheux (1999:52) descreve a Memória Discursiva como:

“aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

A linguagem aqui, então não pode ser entendida como lugar de clareza, referencialidade, exatidão e transparência dita pelas regras gramaticais, e sim como marcas *“que não foram propriamente ditas”*, mas, faz emergir a sintaxe, marcando nos modos de interpretação o funcionamento e o permanente jogo de atualização, então, *“a gente escreve uma “coisa” e o leitor lê uma outra “coisa”*” como afirmou Quintana.

Investigaremos o discurso em movimento nesses três recortes a saber, compreendendo o modo como os sentidos são produzidos e percorridos, inscrevendo-os a partir de posições-sujeito de garotos tidos como órfãos debilitados fisicamente e psicologicamente aos olhos de uma sociedade, que ao mesmo tempo que é regrada de conceitos, ideias e marcas, faz-se cega e impune às margens e às interpretações dos fatos e *“coisas”*. Dessa maneira

“Nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.” (Orlandi, 2005: 48).

Nos três recortes observaremos as textualizações que se complementam, se assumem ou se renegam, entendo que *“a partir dos enunciados que trazem sentidos possíveis podemos ver materializados efeitos ideológicos”*. (Ferreira, 2001:14). Antecipamos também que esse é apenas um modo de interpretar, dentre todos os outros sempre possíveis e plurais. Por fim, buscaremos compreender o *“momento em que a interpretação se dá, em que o sentido se faz sentido.”* (Ferreira 2003: 200) e que o discurso materializa regiões de poder e saber, posições-sujeito e marcas do interdiscurso.

Discussão Teórica

O discurso é caro em nossos estudos, pois, segundo Pêcheux (1975): *não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.*” E porque também *“O discurso é o lugar em que se pode observar a relação*

¹ Pedagoga/Especialista em Ética, Valores e Cidadania - USP/RP



entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeito, (Orlandi, 2005: 17).

Por essa teoria observaremos o sujeito em sua posição discursiva, com seu lugar definido na linguagem pelas condições de produção e pela relação de poder, saber e dizer, pois:

“Mais do que o sujeito interessam-nos as posições-sujeito, uma vez que o sujeito é pensado discursivamente como uma posição entre outras... O que há então é um sujeito do discurso, em sua relação com a língua, estabelecendo um processo de constituição mútua, constituindo-se e constituindo-a no seio dos acontecimentos histórico-sociais.” (Ferreira, 2003: 192)

E para interpretarmos esse sujeito precisamos indagar o lugar que ele ocupa *“lugar para ser sujeito do que diz”* (Ferreira, 2003: 192), que não é qualquer lugar, mas sim constituído historicamente, determinado pela ideologia e atravessado pelas redes da memória. Em relação à memória discursiva (Pêcheux, 1999) observaremos como os sentidos circulam nos recortes propostos, nos quais o sujeito-leitor precisará ter acesso ao interdiscurso fazendo funcionar a permanente re-significação e atualização dos sentidos já-lá em redes de filiação nas quais esse sujeito poderá e/ou precisará ancorar-se para significar. Assim, a AD compreende que *“não há discurso que não se relacione com outros... um discurso aponta para outros que se sustentam, assim como para dizeres futuros... um dizer tem relação com outros dizeres, realizados, imaginados ou possíveis. O lugar a partir do qual fala o sujeito é constituído do que ele diz.”* (Orlandi, 2005: 39).

Recorte 1 – Livro “Capitães da Areia” – Jorge Amado (1937)

Análise de dados

“(...)Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos a voz da autoridade de chefe.”

“Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto e que dormiam nas ruínas do velho trapiche”

“Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas(...)” (p.29)

Logo no primeiro parágrafo, a materialidade linguística nos deixa perceber os efeitos de estranhamento configurados no posicionamento social de uma criança, um menor que chefia ***“trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe.”***, momento este de descontinuidade e rupturas históricas, a realidade vigente e a narrativa que se constrói num Estado Novo que estava se efetivando, numa época marcada pela desigualdade social, pobreza, desnutrição e educação, uma nova era instaurada por Vargas, o momento da implantação do direito de eleger o chefe supremo da Nação.

Nas marcas da materialidade sócio-histórica da narrativa, temos um sujeito discursivo que está inserido num período histórico e sofre as influências ideológicas e políticas, ***“Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia”***, nesse trecho há marcas expressas de uma formação discursiva marcada pela regularidade na identidade de Pedro Bala, o filho de um grevista morto em uma passeata por uma bala, e que assume o comando de ser chefe, mas não qualquer chefe e sim aquele reconhecido, aceito por todos. Um menor que faz referência a sua origem, que também dá ordens, governa e pensa para agir ***“que é ativo, sabe planejar trabalhos, que traz nos olhos e na voz a autoridade”***, afirmando então um fazer, poder e saber, colocando-se numa posição de liderança instalando uma outra posição de trabalhador, de acolhedor e de chefe ativo, que cuida de seu bando, que conhece cada canto da cidade, que ama a cidade e até poetiza sobre ela.



O chefe agora não é mais um caboclo chamado Raimundo, mas sim Pedro Bala, quinze anos, loiro, com uma cicatriz de navalha no rosto, que foi para a rua aos cinco anos e empenhou-se em conhecer a cidade, desde então, mostrando-se mais corajoso e capacitado do que as outras crianças, os outros menores.

Pedro Bala baiano, atrevido, destemido, pronto para cuidar daquelas crianças abandonadas, que não conseguindo adequar-se aos padrões sociais vigentes, criou um novo padrão de proteção no intuito de garantir que as crianças permanecessem bem, nem que para isso fosse necessário subverter a ordem social.

Quando Pedro Bala assumiu o seu posto de “**Chefe**”, a cidade toda, começou a ouvir falar dos “Capitães de Areia”. Outra marca está no nome do personagem Pedro, que em português, vem do latim *Petrus*: masculino de *petra*, pedra, rocha. Pedro traz em seu nome uma identidade carregada de referências e significados, “Bala”, podendo condensar o sentido do doce, onde há um universo semântico que remete à criança, ao mesmo tempo, que pode deslocar-se e associar-se ao sentido da criminalidade e da marginalidade.

No parágrafo “**todos reconheceram os direitos**” de Pedro, a palavra **todos** traz o sentido literal remetendo a um pronome indefinido no plural, assim como aquelas crianças no plural, abandonadas, sem nome, sem registro, sem reconhecimento político ou social, que para sobreviver, buscavam maneiras arditas em relação ao “**furto**”. Crianças criminosas que além de não terem identidade, não tinham casa, endereço ou aconchego, estavam abandonadas e órfãs de pai, mãe e pátria, estavam regidas e guiadas por leis próprias, marcadas e autorizadas por Pedro, ocupante daquele lugar legitimado de direitos conquistados e não dados por uma sociedade violenta e hipócrita.

No terceiro parágrafo temos uma materialidade linguística de um já-lá, numa estrutura visual legitimada das vestimentas de um menor abandonado “**esfarrapado e sujo**”, o que também nos remete automaticamente as crianças necessitadas, crianças “**esfomeadas**”, reforçando assim, o sentido semântico de pobreza, em que se tem uma busca constante da sobrevivência, que não está associada apenas à fome pela falta de comida, mas também à falta de amor, de afeto, de cuidado, de educação.

Nesse recorte da obra Capitães de Areia, temos uma posição-sujeito que passeia por dois sítios de significância ora mantendo o menor, em sua a fase de criança, da inocência, ao mesmo tempo, que a apresenta o menor como alguém cheio de artimanhas; aquele menor abandonado, cria da liberdade das ruas, crianças arditas, que sabem enganar, dissimular e lubridiar, “inocentes” obrigados a amadurecer, devido o percurso da vida. Assim, o sentido da criança inocente desprotegida, desamparada, medrosa, desloca-se para o sentido de menores abandonados, órfãos, malandros, impulsivos e capazes de se virarem para sobreviver nas ruas da cidade.

Recorte 2 – Música “O meu guri” – Chico Buarque (1981 – LP - Almanaque)

Análise de dados

***“Quando, seu moço. Nasceu meu rebento. Não era o momento. Dele rebentar
Já foi nascendo. Com cara de fome. E eu não tinha nem nome. Pra lhe dar
Como fui levando. Não sei lhe explicar...***

E na sua meninice. Ele um dia me disse. Que chegava lá..

Chega no morro. Com carregamento... Rezo até ele chegar.

***Cá no alto. Essa onda de assaltos. Tá um horror. Eu consolo ele. Ele me consola. Boto ele no
colo. Prá ele me ninar. De repente acordo. Olho pro lado
E o danado já foi trabalhar.***



***Chega estampado. Manchete, retrato. Com venda nos olhos. Legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente. Seu moço! Fazendo alvoroço demais. O guri no mato
Acho que tá rindo. Acho que tá lindo. De papo pro ar. Desde o começo eu não disse
Seu moço! Ele disse que chegava lá. Olha aí!***

As marcas sócio-históricas deslizam de 1937 para 1981, sai da Bahia e entra no Rio de Janeiro, com sua geografia civil, seu contraste econômico brasileiro; de um lado a favela, a falta de saneamento básico, a saúde escassa e o medo; do outro lado o Cristo Redentor de braços abertos para a Guanabara e de costas para o morro. O Rio do malandro, ícone do imaginário nacional e social, sujeito conhecido nacionalmente, aquele que consegue o que quer pelos meios mais astuciosos e audaciosos. Em contrapartida uma cidade marcada por um cotidiano de violência, crianças em situações de risco, o retrato da favela, uma canção, muitas interpretações.

Uma época em que os jornais ecoavam fatos jornalísticas trazendo o Rio como “quintal do crime, uma cidade despolicada” (Veja, 7 de janeiro de 1981), associando as ideias ao tráfico, assassinatos, corrupção, idas e vindas de um dinheiro fácil, uma imagem refletida na constituição do “guri”.

No primeiro verso temos a marca de uma mãe despreparada para lidar com a situação de cuidar de um filho, observa-se um despreparo emocional, físico e social “***Quando, seu moço. nasceu meu rebento. Não era o momento. Dele rebentar. Já foi nascendo. Com cara de fome. E eu não tinha nem nome. Pra lhe dar***”. Um realidade que permeia os morros cariocas.

Nesse fragmento “***e na sua meninice. Ele um dia me disse. Que chegava lá***”, vemos anunciado um passado não muito distante, uma promessa de criança, uma mudança de que a vida melhorará de qualquer maneira, uma jura que insinua que dias melhores virão, o anúncio de uma missão.

Temos também no quinto verso a confirmação de uma posição de trabalhador “***chega no morro. Com carregamento***”, onde há uma cronologia e um cotidiano expressos num fazer de um trabalhador braçal, em que o verbo *chega* nos remete a um presente e a uma constância; o *carregamento* traz embutida nessa sequência discursiva, um fazer, marcando a posição de um trabalho, de um esforço, em que o guri tem um ofício, um trabalho que não é só cansativo, mas exaustivo, pois ele “*Chega suado, e veloz do batente*”.

Na marca discursiva “***Eu consolo ele. Ele me consola. Boto ele no colo. Pra ele me ninar***”, observamos uma mãe que se preocupa com o filho e que como a maioria das mães, pensa nele o tempo todo, reza por ele, quer que ele esteja protegido, ao mesmo tempo que não consegue ou não quer enxergar que seu filho cresceu ardiloso, malandro e faz parte dos crimes da cidade.

Quando ela está com seu guri, coloca-o no colo, nina-o, e reza preocupando-se principalmente com a volta diária do trabalho, pois a cidade está um caos, está perigosa “***Rezo até ele chegar. Cá no alto. Essa onda de assaltos. Tá um horror***”.

Uma mãe que valoriza seu guri “***De repente acordo. Olho pro lado. E o danado já foi trabalhar***”, a voz que acredita e confia em seu filho, pois, sabe que o dia a dia corrido é sofrido, que há uma luta pela sobrevivência por causa de numa política que é democrática, ao mesmo tempo que é desigual.

Nesse recorte, percebemos que há um efeito que se repete por uma ideologia que se constitui na realidade de uma criança órfã de um país que não lhe ofereceu oportunidades de crescimento saudável, de educação e de habitação. Uma criança, um guri, que não nasceu “rebentou” e já é vítima de uma série de exclusões, todas derivadas de desajustes e desigualdades sociais, em que as relações intrínsecas com o poder, ainda foram construídas ou constituídas no espaço social e na ocupação de uma posição ou lugar(es) privilegiados.

No terceiro verso, temos a certeza de uma leitura superficial de mundo, uma mãe que se encanta ao ver seu filho “***estampando na manchete***” e que não consegue observar as marcas de uma morte “***ve(n)da nos olhos, a legenda, as iniciais, a mata, de papo pro ar***”, ela só consegue

reconhecer “que um dia ele disse que chegava lá” e chegou. Chegou às manchetes, assim como as celebridades, as socialites, os figurões da política, os artistas, os empreendedores, os magnatas.

Marcando a mesma posição discursiva do já-lá, o guri, assim como Pedro Bala em Capitães de Areia, também é órfão da impunidade de uma sociedade, de uma pátria, que através das suas mazelas sociais, ajuda ideologicamente as pessoas a se integrarem na história presente ligando os sujeitos às suas próprias identidades. Assim, o sentido de (des)amparo, do “guri” é diferente, uma vez que ele teve uma mãe ao seu lado. Aqui, então, o sentido de órfão desloca-se e marca uma outra posição de sujeito.

Nesse recorte, temos o horizonte descontínuo da história, no qual observamos a inserção e atuação do “menor infrator”, a descontinuidade que emerge da singularidade do enunciado enquanto acontecimento. Podemos observar no acontecimento a luta pela posição social, a ignorância de uma mãe, a mídia fazendo-se valer do cotidiano, os problemas políticos, sociais e reais de um morro que morre a cada dia, a cada minuto. Observamos novamente, a criança com seu futuro abortado, por ser filho das aparências, da negação, das ruas, do furto, da venda de drogas e dos assaltos.

Recorte 3 – Capa Revista VEJA “Os órfãos da impunidade” – (edição 2320, de 8 de maio 2013). Análise de dados



Ao contrário da literatura e da música, a imagem dos personagens é projetada por nossa imaginação e interpretação. O órfão desse recorte tem rosto, nome, sobrenome, idade e história, não é aqui um “menor” qualquer.

Esse recorte traz indícios de um deslizamento do sentido em relação ao (menor) órfão. Pois, aquele menor infrator, malandro, astuto já conhecido pela sociedade, além de continuar não sendo

punido ainda se sobrepõe ao menor da capa da revista que é inocente, está desamparado, não precisa viver nas ruas para sobreviver, mas perdeu seu pai pelo ato de violência de menores infratores. Essa análise nos remete aos processos de constituição da linguagem, mostra a teoria discursiva, a posição-sujeito em constante movimento dentro dos fatos históricos, nos quais a paráfrase e a polissemia se encontram e estão em permanente movimento de tensão e de disputa.

Temos um rosto que imprime o sofrimento velado e despojado de ostentação, longe de fatores materiais, um olhar para o horizonte, marcando a profundidade da sua indignidade, daquele que não mais compartilhará da presença física de seu patriarca.

As letras impressas ao lado da criança retratam a “impunidade”, a dramática realidade daquelas crianças, adolescentes, que tiveram seus pais assassinados por “menores” delinquentes, que foram denunciados e flagrados praticando o crime, “menores” impulsivos, destemidos, audaciosos, que não têm medo de serem detidos nem pela política e nem pela polícia.

Menores de idade informados de seus direitos, abençoados por uma lei espúria. A imagem nos faz pensar que, enquanto cidadãos, estamos à mercê desses bandidos mirins que passaram a



ser usados pelos bandidos maiores, que se aproveitam dessas “crianças” como laranjas, imprimindo aqui as marcas linguísticas de uma lei que é frouxa e cínica.

Esse título “*Os órfãos da impunidade*” é um libelo acusatório contra todos nós, brasileiros, mas muito mais contra os que têm a responsabilidade política de representar entidades e àqueles que têm a responsabilidade maior de legislar e fazer cumprir a Lei.

A foto da capa fala por si só, pois traz uma criança de três anos cujo pai foi assassinado durante um assalto. Ela parece procurar uma lei que garanta a segurança e puna aqueles que levaram o seu pai. Na imagem da criança vemos expressa a fragilidade, a falta de sustentação da sua vida, temos um menino nocauteado, marcado pela agonia, pelo medo, pela dor. A visão da inocência contrasta com o preto no fundo indiciando o luto. O corpo fala como se estivesse suplicando simbolicamente por justiça. Ainda no corpo, as costas curvadas trazem o peso, um fardo pesado para sua idade, como se esse menor tivesse sido atingido por um golpe, um sujeito que mesmo na sua mais tenra idade aguarda mudanças.

Veja só, “eu órfão” com uma vela acesa, mesmo com a dor da perda, busco iluminar o caminho, há uma luz no fim do túnel, há uma claridade frente à escuridão da dor, a vela que brilhará e ajudará aquecendo meus dias e iluminado meus caminhos, para que haja a superação. Uma luz que quem sabe possa se acender na escuridão que encobre a corrupção, a mentira, a enganação e que encobre os meios sociais, políticos e policiais.

Há uma memória que remete ao já dito e faz alusão a uma criança que terá que lidar sozinha com o mundo, um menino que assim como o guri e o Pedro Bala, enfrentará o mundo que o “abandonou”. O sentido de abandono aqui marca as mazelas sociais, a saber e poder, é um abandonado, marcado pela fatalidade, um órfão de um golpe certo, que agora tenta acordar a população e mostrar que devemos tomar uma posição de combate desenfreado contra os bandidos. A alusão aos meninos, adolescentes que se fazem impunes pela idade, que são abraçados pelos direitos humanos, que são desprezados pela sociedade. O implícito condicionando os efeitos de sentido.

Aqui cabe um deslizamento de sentido, uma situação, uma tendência que se repetirá por esses atos bárbaros, trazendo às nossas retinas outras e novas vítimas, essa marca linguística está no texto de apresentação da reportagem marcando que o poder do país e suas margens precisam amparar apenas essa geração de vítimas. “*Os órfãos da impunidade*”. *Enquanto o Governo e as ONGs se ocupam em amparar assassinos de todas as idades, uma geração de vítimas invisíveis cresce sem pais e sem apoio*.

A voz da revista culpabiliza todos os cidadãos e deixa implícito que se você não fizer nada, talvez possa ser “a próxima vítima” ou será que somos “vítimas” das nossas próprias criaturas? Como restaurar a distinção entre vítimas e bandidos? Vemos as vozes dos menores se fundindo entre a inocência e a sobrevivência, os direitos e os deveres, formando assim novos espaços discursivos, resignificando discursos, fatos históricos e sujeitos, recriando e repetindo condições cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos recortes, vimos que os sentidos e os sujeitos se constroem na trama sócio-histórica, sendo importante compreender o modo como eles foram afetados pela memória discursiva, inscrevendo-se a partir das posições-sujeito que podem instalar diferentes gestos de leitura, que se entrelaçam ou distanciam, tecendo discursos entre o velho e o novo, entre o sedimentado e o inovador. Tal trama permite aos sujeitos também tecerem seus saberes, dizeres e poderes através dos fios que se cruzam.

As narrativas da literatura, da história e dos próprios fatos jornalísticos são lugares privilegiados para a escuta do jogo discursivo, pois, permitem questionar sentidos naturalizados, tidos como transparentes e evidentes, possibilitando, ao analista, o questionamento normatizador, colocando outros efeitos de sentido. Permitindo assim, que o sujeito duvide dos sentidos



transparentes, desnaturalizando posições pré-estabilizadas sobre órfão, menor, impunidade, e, assim inscrever outros modos de dizer sobre a realidade.

Crianças que sofreram na/pela sociedade, que tiveram suas vidas marcados pelos enlaces históricos que se exteriorizam e se interiorizam na constituição de uma ordem política e social. Uma (im)posição discursiva que caminha e roda pelas ruas das cidades, pelos lugares periféricos, pelos lugares centrais que se interligam de saber e poder, configuram-se numa sociedade que disciplina e tenta ter o controle, assim, as práticas discursivas se repetem, se deslocam e se (dês)amarram, constituindo dispositivos identitários, produzindo subjetividades a partir das filiações das redes de memória, fazendo repetir o já-lá ou emergir o já dito, ora repetindo ora rompendo e deslizando, uma vez que os sentidos nunca estão prontos e nem acabados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMADO, Jorge. Capitães de Areia. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

FERREIRA, L. C. M. O caráter singular da língua na AD: Organon 35. pp.189- 200, 2003. Glossário de Termos do discurso: Análise do Discurso: UFRGS.Porto Alegre, 2005.

MALDIDIER, D. A Inquietação do discurso- (Re) ler Michel Pêcheux hoje, tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, P. E. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

_____. A Leitura e os leitores. Campinas, SP: Pontes. 2ª edição, 2003.

_____. A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes. 4ª edição, 2003.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes Editores, 1990.

_____. Papel da memória. In: P. Achard (Org.). Papel da memória. (Tradução de José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1969.

MARIANI, Bethânia. O PCB e a imprensa. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.